

# Uma escrita feminina: a obra de Clarice Lispector

Maria Cristina Poli

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, RS, Brasil

---

## RESUMO

Este artigo rende homenagem à obra de Clarice Lispector no 30º ano de sua morte. Apoiado nas obras de Freud e Lacan propõe uma leitura do trabalho da escritora brasileira que destaca o estilo feminino de sua escrita. Trata-se de operar com as categorias psicanalíticas de castração, privação e estranho, demonstrando na escrita de Clarice a ultrapassagem da lógica fálica.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector; psicanálise; escrita; feminilidade; gozo místico; Lacan.

## ABSTRACT

*A feminine writing: the work of Clarice Lispector*

This article is a homage to the work of Clarice Lispector, in 30. year from her death. It's a proposition of a lecture of the work of the Brazilian writer inspired in the works of Freud and also of Lacan. This lecture notes the feminine stile of her writing. That means the operation with psychoanalysis categories of castration, privation and strange. It also means to transpose the phallic logic.

**Keywords:** Clarice Lispector; psychoanalysis; writing; feminine; mystic joy; Lacan.

## RESUMEN

*Una escrita femenina: la obra de Clarice Lispector*

Este trabajo presta homenaje a la obra de Clarice Lispector en el 30 año de su muerte. Apoyado en las obras de Freud y Lacan propone una lectura del trabajo de la escritora brasileña, que pone en relieve el estilo femenino de su escrita. Se trata, aquí, de hacer operar con las categorías psicoanalíticas de castración, privación y siniestro, subrayando en la escrita de Clarice lo que ultrapasa la lógica fálica.

**Palabras clave:** Clarice Lispector; psicoanálisis; escrita; femineidad; goce místico; Lacan.

---

*“O ato criador é perigoso porque a gente pode ir e não voltar mais”*  
(Lispector, apud Gotlib, p. 461)

Os festejos em torno da obra fulgurante de Clarice Lispector se multiplicam, lembrando os 30 anos de sua morte, ocorrida em 1977. Obra igualmente múltipla, cuja principal característica talvez seja o modo como adentra, sem cerimônias ou subterfúgios, nos interstícios da relação do ser com a linguagem. Desde seu primeiro romance “Perto do coração selvagem” (Lispector, 1944/1998), passando pelos inúmeros contos e suas obras mais conhecidas “A paixão segundo G.H.” (Lispector, 1964/1998), “Água-viva” (Lispector, 1973/1998) e “A hora da estrela” (Lispector, 1977/1988), Clarice marcou época e deixou na literatura brasileira (quicá universal) um rastro indelével. Neste artigo, rendemos nossa homenagem a uma autora que fez de

suas entranhas (esse misto de loucura, feminilidade e exílio) o material bruto e primoroso de suas letras.

Dentre tantas aberturas possíveis que sua obra inaugura, escolheremos uma via para interrogá-la, na esperança de encontrar – como Freud (1906/1973) nos indica – os elementos nos quais o poeta antecipa percursos ainda inexplorados pelos psicanalistas. Escolheremos o ponto delicado, difícil e resistente da articulação possível entre transmissão e feminilidade. O que uma mãe transmite a seus filhos? O que uma mulher transmite, enquanto mulher, à cultura? Questões, evidentemente, demasiado amplas, e talvez irrespondíveis, mesmo que desde Freud a psicanálise não tenha se poupado de enunciá-las.

Clarice Lispector inaugura uma via possível de abordagem desse tema, uma “via de facilitação” (Freud, 1895/1973) original. Em primeiro lugar porque ela escreve como mulher; não da mulher, nem sobre a mulher, mesmo que também o faça. Para além do conteúdo de seu trabalho, seu estilo é feminino. Lembremos aqui essa diferença, ressaltada por uma das principais estudiosas de nossa autora, a crítica literária e feminista Hélène Cixous:

Ela [Cixous] usa o feminino para se referir as formas de escritura e de pensamento que ultrapassam as oposições binárias que tem estruturado o pensamento ocidental e, afirma ela, apoiado o patriarcado. O feminino é o que Cixous descreve como excessivo, como desestabilizador. (Shiach, 1997, p. 210).

Essa desestabilização da linguagem tem na obra de Lispector um lugar de excelência. O estilo feminino da autora se expressa em “uma poética que comunica a experiência das mulheres” (p. 214). Com mestria, a escritora circula por personagens de ambos os sexos, adentrando na alma de homens e mulheres com igual naturalidade. É, contudo, na referência a um gozo imperscrutável que se traduz o cerne de seu trabalho. Trata-se de uma escrita que coloca em ato o que em psicanálise, a partir de Lacan (1972-73/1985), se concebeu como gozo feminino ou gozo Outro.

Para Lacan, a escrita é justamente a dimensão da linguagem que permite o acesso a um outro registro que o da referência ao falo. Enquanto a cadeia significante é ordenada pela dialética da ausência/presença do falo – isto é, pela inscrição simbólica da falta –, a escrita inclui a possibilidade de registro da privação: a falta real de um objeto simbólico.<sup>1</sup> Nesse sentido, o ato de escrita se conjuga no feminino. Ele permite a tessitura de uma rede cujo valor está, prioritariamente, não naquilo que apanha, mas no que deixa passar.

## ESCRITA: FILIAÇÃO E EROTISMO

Quando do lançamento de seu primeiro romance “Perto do coração selvagem”, a crítica literária reconheceu-lhe traços de influência de Joyce e de Virginia Wolff (Nunes, 1995). Clarice, no entanto, ainda não os havia lido. Se havia nesse período uma autora de referência, era Mansfield, com seu realismo exótico, impressionista, que desde muito cedo a fascinara. Foi por sugestão de um amigo, Lúcio Cardoso, que o primeiro romance recebeu esse título (“Perto do coração selvagem”) extraído de uma passagem do “Retrato de um artista quando jovem”, de Joyce (Nunes, 1995; Gotlib, 1995; Rosenbaum, 2002).

Mas mesmo que Clarice não reconheça a influência desses autores, mesmo que ela nem os tivesse lido, há um movimento literário que lhe é contemporâneo e no qual sua obra se inscreve. Particularmente, a forma de tomar a linguagem não como um sistema ou um meio de expressão, mas como criação, como produção, ao mesmo tempo, da escrita e do mundo. A arte de Clarice – certamente mais reconhecível em algumas de suas obras do que em outras – se constrói na tessitura da letra, na construção de bordas cujo texto teima em exceder. O prazer em sua leitura se confunde com o gozo de uma experiência limite – gozo sagrado ou místico, tal como denominaram Bataille (1988b) e Lacan (1985) –, na qual o leitor bascula, afetado pela presença de uma letra que transborda as margens do texto.

Como expressa a autora em “Água-viva”:

Quero apossar-me do é da coisa. Esses instantes que decorrem no ar que respiro: em fogos de artifício eles espocam mudos no espaço. Quero possuir os átomos do tempo. E quero capturar o presente que pela sua própria natureza me é interdito: o presente me foge, a atualidade me escapa, a atualidade sou eu sempre no já. (...) A palavra é a minha quarta dimensão. (Lispector, 1973/1998, p. 09-10).

Palavra-tempo, dimensão (ou *diz-mansão*, “a residência do dito”, como propõe chistosamente Lacan, 1972-73/1985, p.130), na qual o interdito (*inter-dicto*) situa a transgressão fundadora e legitimadora do ato da escrita. Escrita, portanto, de um espaço-tempo inaugural, *ex-nihilo*, que constrói sua filiação no *a posteriori* de seu ato-criação (Lacan, 1959-60/1988).

Freud (1933/1973, p. 3176) refere – sua conhecida e polêmica afirmação – que a arte das mulheres é ao tear, na tessitura dos fios que encobrem o vão da falta, a castração. Ou que a acentuam, em um movimento equivalente. No texto de Clarice temos efetivamente a experiência da falta. Trata-se, porém, de uma falta mais primordial, que faz o binarismo da referência fálica vacilar, demonstrando sua insuficiência conceitual. Na escrita de Clarice, temos um encontro marcado com o objeto que, como dirá Lacan (1955-56/1998), excluído do Simbólico, retorna no Real.<sup>2</sup>

Como explicar, senão deste modo, a forma como o texto clariciano afeta o leitor? Como entender que pela simples leitura de elementos gráficos, uma verdadeira experiência – de gozo e de angústia – possa se produzir? O texto de Clarice pulsa e convoca o leitor a incluir-se em um circuito pulsional no qual as letras trilham o caminho que recorta o objeto da pulsão.

Entenda-me – diz ela ainda em *Água-viva* – escrevite uma onomatopéia, convulsão da linguagem. Transmito-te não uma história, mas apenas palavras que vivem do som” (Lispector, 1973/1998, p.25).

A leitura de sua obra produz uma experiência única, introduzindo-nos em um universo privado de sentido. Ela se potencializa no encontro com textos como o do romance *Água-viva* (Lispector, 1973/1998), e mesmo *A paixão segundo G.H.* (Lispector, 1964/1998), que tendem a elisão de um referente material, dispensando artificios que lhe sejam exteriores, na busca de enunciação plena.

Tal é o caso, também, do conto “Entre o ovo e a galinha”, publicado na coletânea “Legião estrangeira” (Lispector, 1964/1999). Recortado do mais pueril cotidiano, o estranho familiar – o *Unheimlich* freudiano (Freud, 1919/1973) – ganha a cena, transformando o provérbio “para fazer omeletes é preciso quebrar os ovos” no mais profundo (e irônico) dilema de uma dona de casa. Diante de um ovo, a autora nos transporta ao ritual sacrificial primitivo, ponto de encontro com um ato transgressivo originário – tal como no mito da horda primitiva (Freud, 1913/1973) –, e que produz, pelo mesmo gesto, sujeito e objeto, letra e significante, real e simbólico. Nesse movimento, o ovo transmuda-se em olhar, redimensionando os tempos da experiência e de sua criação. Clarice escreve:

Ao ver o ovo é tarde demais: ovo visto, ovo perdido. – Ver o ovo é a promessa de um dia chegar a ver o ovo. – Olhar curto e indivisível; se é que há pensamento; não há; há o ovo. – Olhar é o necessário instrumento que, depois de usado, joguei fora. (Lispector, 1964/1999, p. 46).

Em torno desse protótipo do objeto perdido, o ovo primitivo, as bordas de um olhar “curto e indivisível”, denso e inescapável, se delineiam. Aqui nossa leitura de Clarice encontra Bataille (1988b), refazendo o caminho de uma erótica que toca o sagrado, que alcança por intermédio das letras o toque primordial da Coisa (*das Ding*). Trata-se do corpo materno, objeto primordial, a um só tempo desejado e interdito. Lembremos da “A história do olho” (Bataille, 1988), romance erótico-libertino, no qual as práticas sexuais transgressivas das personagens adolescentes transitam pela metonímia dos objetos olhar – ovos – fezes – urina – sangue – etc. Ovos e olhos (*oeufs* e *yeux*) homofônicos em francês,<sup>3</sup> situando uma letra em comum na desmedida da pulsão.

O objeto, em Bataille como em Clarice, não é causa de desejo, mas ponto de angústia; objeto que indica a *compacidade* do lugar da falta no campo do Outro (Lacan, 1972-73/1985, p. 17). Como indicamos acima, privação, e não castração.

## UMA ESCRITORA POEDEIRA

No seminário 23, Lacan (1975-76/2007) retoma a diferença entre a *função Phi*, organizadora do gozo

fálico conforme as fórmulas da sexuação (Lacan, 1972-73/1985), e o significante da falta do Outro que orienta a erótica feminina. É também do significante da falta do Outro – índice de um real irreduzível –, que se trata na literatura de Joyce: assim como um sonho, nos diz Lacan, (ou melhor, um pesadelo, na medida em que o Real aí se mostra) *Finnegans Wake* comporta um saber-fazer no irreduzível da privação.

A imagem-alegoria que surge, então, é a da poedeira. No filme “O império dos sentidos”, comentado pelo psicanalista na mesma lição do seminário, seu valor erótico ao perfazer a imagem d’A mulher é destacado. Diz Lacan (1975-76/2007, p. 124): “o progresso a que a análise nos incita tem sido o de nos apontar que, embora o mito a faça sair toda de uma única mãe, a saber, de Eva, há apenas poedeiras particulares”. Seria Joyce uma dessas? Lacan menciona Newton; menciona também a sua própria obra como tendo chegado a um caroço, à produção de um pedaço de real. Um ovo.

Retomemos, então, nossa autora-poedeira Clarice. Que espécie de “mãe de cultura” ela perfaz? “A escuridão é meu caldo de cultura. – escreve em *Água-viva – A escuridão feérica*” (Lispector, 1973/1998, p. 26). Como se transmite tal escuridão? Como se situar na sua autoria?

Novamente é do tema do feminino e do materno que se trata, daquilo que se transmite fora do circuito das identificações edípicas. Disso, o que pode se escrever? Arriscamo-nos dizer que é isso que a literatura de Clarice escreve. A literalização na língua – da *alíngua*<sup>4</sup> (Lacan, 1972-73/1985) – conotaria a emergência de uma letra perdida? Lembremos aqui um dado biográfico da autora: sua origem russa, língua materna de seus pais, mas na qual nunca foi introduzida. Talvez por isso Clarice aceda à escrita em uma língua que ela precisou fazer sua: uma *alíngua* que seu texto inventa:

Entro lentamente na minha dádiva de mim mesma, esplendor dilacerado pelo cantar último que parece ser o primeiro. Entro lentamente na escrita assim como já entrei na pintura. É um mundo emaranhado de cipós, sílabas, madressilvas, cores e palavras – limiar de ancestral caverna que é o útero do mundo e dele vou nascer. (Lispector, 1973/1998, p. 14).

Clarice escreve como quem nasce. “Quando eu não escrevo, eu estou morta” (apud Gotlib, 1995, p. 456), profetiza em sua última entrevista. Nos seus livros encontramos o tema insistente dos impasses da maternidade, da construção e limitação de um’A mãe primordial. Imagem convertida em ícone cultural ao ser fixada para sempre na cena da morte-sacrifício da barata – “A paixão segundo G.H.” (Lispector, 1964/1998) – a fêmea totêmica primordial.

## O ESTRANHO, O MATERNO E O FEMININO

No texto de Freud sobre o estranho (das *Unheimliche*), uma de suas expressões salientada pelo autor é efeito do encontro de alguns neuróticos com o corpo feminino, mais precisamente com os genitais femininos. Escreve Freud (1919/1973, p. 2500):

Acontece com freqüência que homens neuróticos declaram que os genitais femininos são para eles um tanto sinistros. Porém, essa coisa sinistra [*Unheimlich*] é porta de entrada para uma velha morada [*Heim*] da criatura humana, o lugar no qual cada um de nós esteve alojado alguma vez, a primeira vez. Se costuma dizer jocosamente *Liebe ist Heimweh* ('O amor é saudade'), e quando alguém sonha com um lugar ou uma paisagem, pensando no sonho: 'isto eu conheço, já estive aqui alguma vez', então a interpretação onírica está autorizada a substituir esse lugar pelos genitais ou pelo ventre da mãe. De modo que também nesse caso o *unheimlich* é o que outrora foi *heimisch*, o familiar desde há muito tempo. O prefixo 'un' ['in-'], anteposto a essa palavra, é, por outro lado, o sinal do recalçamento.<sup>5</sup>

Nesse texto de Freud, o feminino estará sempre em causa. No conto de Hoffmann "O homem da areia", ao qual ele dedica extensa e exemplar análise, é a boneca Olímpia, o autômaton pelo qual Nataniel se apaixona, que provocará a evocação da cena infantil do personagem: a ameaça da perda dos olhos (o advogado Copélio) e a morte do pai. O encontro com o oculista "vendedor de barômetros" (Coppola) e Olímpia duplica essa cena. É essa mulher-autômaton, o que ela tem de enigmático, de impenetrável, essa imagem-clichê de uma mulher que não lhe dá a mínima e que lhe é interdita. Enfim, uma mulher que não é bem mulher, posto que é a própria mãe projetada ali. Lembremos ainda que antes de se atirar da torre ao final da estória, Nataniel tenta jogar a noiva, Clara, que é socorrida pelo irmão. O horror de Nataniel, diríamos, é o do encontro com essa mulher, que lhe introduz no tema da castração ao reintroduzir a interdição do corpo materno. Daí esse efeito de estranho.

Freud atribuía às questões do feminino uma especial permeabilidade ao *Unheimliche*. Quase como nos dissesse: o feminino é o próprio Estranho encarnado. Clarice Lispector vai mais além – mais além da castração, como indicamos. Ela transforma o *Unheimliche* em gozo e esse gozo em prazer (alegria). Conforme as palavras de sua personagem G.H. que expressa algo dessa prodigiosa transformação:

É exatamente através do malogro da voz que se vai pela primeira vez ouvir a própria mudez e a dos outros e a das coisas, e aceitá-la como a possível linguagem. (...) O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu. (...) Desistir é a escolha mais sagrada de uma vida. Desistir é o verdadeiro instante humano. E só esta é a glória própria de minha condição. A desistência é uma revelação. (Lispector, 1964/1998, p. 175-176).

G.H. vê a barata, é vista por ela e vê-se nela. Seu olhar a interroga. Em um gesto precipitado, ela a mata, esmagando-a na porta do armário. A barata fica pendurada, mas segue olhando-a: "os dois olhos eram vivos como dois ovários". É uma barata-fêmea, nos diz G.H., visto que morreu pela cintura: "O que é esmagado pela cintura é fêmea" (p. 93). Em amplo deslizamento metonímico de imagens alegóricas do universo feminino, conhecemos a história de um aborto que realizou na juventude, tempo de descoberta e perda da maternidade. Momento inaugural, mítico igualmente, de fazer-se mãe. Proferido no negativo. Morte da mãe mítica, primordial. Mãe da horda primitiva, talvez, que interdita o acesso ao sexo pela posse exclusiva dos objetos de seu gozo. Mãe que se precipita no primeiro sangue da menarca que a expulsa do corpo da menina pronta agora, ela também, para aceder a este gozo. Sangue abortivo que sintetiza o paradoxo da perda da mãe no ganho da maternidade. Experiência correlativa a de uma autoria.

E o leite materno, que é humano, o leite materno é muito antes do humano, e não tem gosto, não é nada, eu já experimentei – é como olho esculpido de estátua que é vazio e não tem expressão, pois quando a arte é boa é porque tocou no inexpressivo. (Lispector, 1964/1998, p.143)

Clarice escreve o horror e o gozo de um encontro realizado. Ela apela ao leitor para que lhe acompanhe, que lhe dê a mão nesse percurso. Ela precisa do testemunho dessa "paixão", despojamento essencial no encontro com a carência fundamental. Carência que não se deve temer – diz G.H., segurando nossa mão – posto que é o reconhecimento da carência que é a base de todo encontro, fundamento de qualquer pedido, suporte de todo apelo.

Somos o que somos capazes de ter, de vir a ter, mas não pelo efeito de sentido que tal posse produz sobre nós. Somos o que temos enquanto esse ter é algo desprovido de sentido. É fora do sentido. *Non sense* que constitui nossa condição de encontro. Condição de redução do ser ao *falasser* (*parlêtre*) que nos coloca diante da inescapável posição feminina; condição de

orfandade no discurso, mas no qual o semelhante, o Tu que autentica a singularidade do gesto único e mínimo, adquire toda sua relevância.

Escrever, nos ensina Clarice, é profundamente feminino.

Ler Clarice também o é.

## REFERÊNCIAS

- Bataille, G. (1988). *História do olho e minha mãe*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil.
- Bataille, G. (1988b). *O erotismo*. Lisboa: Antígona.
- Freud, S. (1895/1973). Proyecto de uma psicologia para neurologos. In: *Obras Completas*. Tomo I. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1906/1973). El delirio y los sueños en la 'Gradiva' de W. Jesen. In *Obras Completas*. Tomo I. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1913/1973). Totem y tabu. In *Obras completas*. Tomo II. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1919/1973). Lo siniestro [*Das Unheimliche*]. In: *Obras Completas*. Tomo III. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1933/1973). La feminidad. In *Obras completas*. Tomo III. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Gotlib, N. (1995). *Clarice, uma vida que se conta*. São Paulo: Ed: Ática.
- Lacan, J. (1972-73/1985). *O seminário*. Livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1959-60/1988). *O seminário*. Livro 7: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1956-57/1995). *O seminário*. Livro 4: A relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1955-56/1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1975-76/2007). *O seminário*. Livro 23: O sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lispector, C. (1977/1988). *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (1944/1998). *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (1964/1998). *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (1973/1998). *Água-viva*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (1964/1999). *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Marcos, C. (2007). Figuras da maternidade em Clarice Lispector ou a maternidade para além do falo. *Ágora* (Rio de Janeiro), 10, 1, 35-47.
- Nunes, B. (1995). *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ed. Ática.
- Rosenbaum, Y. (2002). *Clarice Lispector*. São Paulo: Publifolha.
- Shiach, M. (1997). O "simbólico" deles existe, detém poder – nós, as semeadoras da desordem, o conhecemos bem demais. In T. Brennan. *Para além do falo*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Ventos.

Recebido em: 17/04/2008. Aceito em: 11/12/2009.

### Notas:

<sup>1</sup> Referimo-nos aqui as categorias de privação e castração tais como definidas por Lacan no Seminário, livro 4 (Lacan 1956-57/1995).

<sup>2</sup> Encontramos argumentos semelhantes no trabalho de Marcos (2007), segundo a qual: "A figura da mulher que não pertence à sua vocação biológica é frequente no universo de Clarice Lispector: Macabéia (Lispector, 1984) tem os ovários murchos; G.H. (idem, 1996) os tem secos; Laura (idem, 1999) tem, no fundo de seus olhos, um pequeno ponto ofendido que revela a falta de filhos, os filhos que ela nunca teve; e assim é também Joana (idem, 1995), incapaz de fazê-los viver. As mulheres, em Clarice Lispector, parecem recuar diante do horror da maternidade, horror marcado pela carne viva, pelo orgânico, pelo que do real é refratário ao simbólico" (p. 39).

<sup>3</sup> Em francês, assim como em português, *oeuf* (ovo) designa a fusão dos gametas masculino e feminino no útero materno e *oeil* (olho) refere-se também, por analogia, ao orifício anal.

<sup>4</sup> Lacan (1972-73/1985) denomina de *lalangue* (traduzida por *alíngua*) a lide com a língua em seu primeiro registro na relação mãe-bêbe, a *língua materna*. Segundo suas palavras: "Alíngua serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação. É o que a experiência do inconsciente mostrou, no que ele é efeito da alíngua, essa alíngua que vocês sabem que eu a escrevo numa só palavra, para designar o que é a ocupação de cada um de nós, alíngua dita materna, e não por nada dita assim." (p. 188).

<sup>5</sup> Mantivemos a grafia dos termos alemães tal como consta na tradução para o espanhol das Obras completas de Freud. A tradução para o português é de nossa responsabilidade. Os termos em alemão entre colchetes não se encontram na referência tendo sido acrescentados a partir do cotejamento com a tradução brasileira.

### Autora:

Maria Cristina Poli – Psicanalista, membro da APPOA. Doutora em Psicologia pela Université Paris 13 e Pós-doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. Professora adjunta do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS e do Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade da UVA/RJ. Coordena junto com Edson L. A. de Sousa, o LAPPAP – Laboratório de Pesquisa em Psicanálise, Arte e Política. Pesquisadora do CNPq.

### Enviar correspondência para:

Maria Cristina Poli  
Rua Augusto Pestana, 146/302  
CEP 90040-200, Porto Alegre, RS, Brasil  
E-mail: mcrispoli@terra.com.br